

Joãozinho dorme

Joãozinho está aqui comigo. É dia de festa no meu peito nos dias em que o meu neto fica a minha guarda também à noite. Ribombam foguetes e cantam querubins, e eu desatino numa coreografia de felicidade. “Velha tonta!”, dirão. Deixá-los, do paraíso não me tiram. Nem me gastam um resquício de atenção, que o meu universo fecha-se numa redoma àquela estrelinha. “Ah, Joãozinho!” Sei que é egoísmo meu, mas... Há dias em que a minha filha tem horário que se prolonga pelo período noturno, e aí entra por minha porta, esfuziante de alegria, a esperança do universo. Do meu universo, aceito sem reboço a advertência. Sempre que Joãozinho chega, o mundo fica todo ao alcance de meus olhos, de meus beijos e de meus braços. O meu mundo são beijos e abraços. Chego a desejar que o insensível programador dos horários de minha filha redobre de intransigência! Penitencio-me logo, logo, dos meus egoístas pensamentos. Minha filha também tem direito ao paraíso que dimana da candura de Joãozinho. Com o estouvado do marido tresmalhado por esse mundo, bem precisa do conforto deste anjinho.

O meu Jorge, depois que se reformou, seguia meticulosamente as rotinas que lhe escoravam a tranquilidade no giro acordado com o “amigo sol”: de manhã cedo, encafuava-se no seu “estaminé” com ninharias que eu nem percebia como lhe ocupavam o tempo; as tardes, dissipava-as na Casa do Povo, tirando os escassos momentos que reservava para as pequenas reparações, quando necessárias, em casa ou nas casotas dos animais. Lá habilidoso é, mas não contasse com ele para mais nada. É verdade que a saúde também não lhe permite muito mais. Certo, certo, é que nada o arredava do jogo da bisca com os camaradas, naquelas horitas logo a seguir à sesta; mas quando soube, naquele primeiro dia de aulas, que o netinho ficaria em nossa casa até ao regresso da mãe, apareceu à porta da escola primária, reivindicando o direito de também o acompanhar no percurso para casa. Deixei-me ficar para trás observando a cena e, pelos jeitos, não me ficaram dúvidas do que viria a ser: a partir desse dia, assumiria como supremo encargo seu, tal tarefa. Em exclusividade. E nunca se atrasou nem um minuto, ele que teve sempre uma relação conflituosa com as horas (os camaradas que desculpassem, mas havia que alterar um pouco o horário da jogatina. “Dever é dever. E não há

como o dever com prazer...”). O meu direito à companhia do Joãozinho começava já em casa.

Recordo com regalo os primeiros dias dessa incumbência de Jorge. Que tivemos que disciplinar... Num desses dias, Joãozinho chegou com uma grande novidade, que não aguentou guardar até ao beijo da saudação. Largou a mão do avô e, correndo para mim, disparou a urgência:

- Sabes *Vóvó*, nós hoje não fomos à pastelaria!

- Ai não? E que bolo o avozinho te deu?

(Este meu marido era decididamente um mole com o neto! E depois eu é que estragava o catraio com mimos...)

- Ele disse-me para não te dizer que fomos à pastelaria.

- O avô é um malandreco! Mas tu não deves comer bolos todos os dias! Não deves pedir ao avô, que ele... Amanhã não peças, *tá* bem?

- *Tá* bem *Vozinha*. Olha, vamos ver se as galinhas puseram ovos? Vamos?

E desatou a correr em direção ao galinheiro, certo de que eu o acompanharia. Jorge deixou-se arredado, contemplando embevecido as cabriolices do nosso

netinho. Ele sabe que já não tem “genica” para o acompanhar no entusiasmo. Seguiu-nos com o olhar, não perdendo nenhum movimento. Ah, se aquele maldito reumatismo o permitisse!... Jorge foi sempre um bom pai, carinhoso à sua maneira, posso eu garanti-lo, que o conheço como às palmas das minhas mãos, mas raramente deixava exteriorizar os seus afetos para com a nossa filha. Bolos?, faziam mal à saúde... Sempre rigoroso, sempre inflexível! Agora com o netinho... Valha-me Deus, que até parece um melado.

Joãozinho deu várias voltas ao mundo, numa hora de frenéticos rodopios, e, cansado de ventura, deixou-se embalar num sono retemperador. Joãozinho dorme, e eu, a custo, sustento os diques da emoção. Ficaria assim, por toda a eternidade, numa adoração pasmada, recompensada dum percurso de vida pleno de trabalhos. Não há quadro mais mavioso que uma criança a dormir, serena, imune a qualquer adversidade. Este é o quadro da harmonia e serenidade universais.

Dorme, Joãozinho, dorme. Ainda é cedo para aspergires tua doçura neste desenxabido mundo.